

# Mediação museológica e os desafios da inclusão: um estudo sobre o Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos

*Museological mediation and the challenges of inclusion: a study on the Museum of Sacred Art Escritor Maximiano Campos*

Eva Caroline de Sena Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa visa analisar a efetivação de ações educativas em espaços museológicos que sugerem a promoção de uma interação e um diálogo entre o público visitante e as obras de arte. Tendo como ponto de partida a relação triangular entre público-mediador-obra de arte, entendeu-se a importância dessa interação e dos meios pelos quais ela se legitima. A partir de uma análise específica do acervo do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, localizado no município de Goiana - PE, da vivência com mediação nesse espaço, e levando em consideração o público que ele atinge, propõe-se uma atividade educativa e inclusiva para públicos específicos. Considerando, sobretudo, uma ação que possa abranger sujeitos dos mais variados âmbitos sociais, no que se refere ao cunho socioeconômico, tanto quanto a diversidade etária.

**Palavras Chaves:** arte-educação, mediação, museu, inclusão.

**Abstract:** *This research aims to analyze the effectiveness of educational actions in museological spaces that promote the promotion of an interaction and a dialogue between the visiting public and as works of art. Taking as a starting point the triangular relationship between public-mediator-work of art, the importance of this interaction and how it is legitimized was understood. Based on a specific analysis of the collection of the Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, located in the city of Goiana - PE, from the experience with mediation in this place, and considering the audience it reaches, an educational and inclusive activity is required for specific audiences. Considering, above all, to an action that can cover subjects from the most varied social spheres, about socioeconomic nature, as well as age diversity.*

**Keywords:** *art-education, mediation, museum, inclusion.*

---

<sup>1</sup> Mestra em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação da UFPB e UFPE. Especialista em História do Brasil e Licenciada em História pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana. Tecnóloga em Design de Interiores pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. É integrante da Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia, Memória e Patrimônio (REDMus). Interesse nos seguintes temas: História, ênfase em História do Brasil, História local, museologia. Atuação principalmente nos seguintes temas: museus de arte sacra, museologia, patrimônio histórico e cultural, memória e narrativa.

## **Introdução**

Na era do imediatismo, da tecnologia digital e do acesso rápido à internet, o contato visual com o mundo é ricamente explorado. As imagens de obras de arte estão veiculadas em plataformas digitais ao alcance de um clique. Contudo, nem sempre esse acesso ocorre através de uma troca de conhecimento, isto é, não é porque o indivíduo já visualizou uma fotografia de uma obra de arte famosa que, necessariamente, ele saiba algo sobre ela. O contato com obras de arte, na atualidade, fora do ambiente museológico, nem sempre traz informações ao público. Mas, essa deficiência de troca de conhecimentos não está apenas no âmbito digital, mas dentro dos próprios museus.

A finalidade primeira do museu é expor obras de arte, contudo, não é sua finalidade última. Esta precisa propor um diálogo entre o público e a obra, através de diferentes estratégias de arte-educação e da mediação. Em seus estudos sobre museus e ações educativas, Antolino (2009) comenta:

Na verdade, o museu, como instituição histórico-socialmente condicionada, não pode ser considerado um produto pronto, acabado; ele é o resultado das ações dos sujeitos que o estão construindo e reconstruindo, a cada dia. São as nossas concepções de museologia e de museu que estarão atribuindo à instituição diferentes perfis, que deverão ser adaptados aos diversos contextos. Daí a necessidade de uma avaliação constante que deverá fornecer dados significativos para a definição da missão e dos objetivos dos museus, o que implica a necessidade de abertura, por parte de seu corpo técnico e das pessoas responsáveis por sua administração (p. 8-9).

Analisando o papel do museu em realizar essa interação cultural, de forma que a construção do conhecimento seja efetivada, é preciso levar em consideração a sua função inclusiva. Entende-se que ele não é um espaço estático e imutável, mas que sua significância pode ter novos sentidos atribuídos por essa construção de conhecimento entre público, mediação e obras. A proposta cultural de um museu deve atender ao mais variado

público possível, e isso inclui pessoas com deficiência, idosos, crianças, adolescente e adultos pertencentes a qualquer classe social.

### **Ações educativas e mediação cultural**

Como citado anteriormente, as obras de arte e o público precisam criar diálogos entre si. Eles podem ser de cunho estritamente histórico, quando indivíduo identifica os dados que a peça dispõe; de relação afetiva, quando sujeito relaciona a obra a uma lembrança, a uma memória íntima; e de cunho interpretativo, quando o visitante produz um pensamento reflexivo sobre o que está observando na obra de arte. O acesso aos bens culturais não se limita apenas ao fato de poder visitar um acervo. O sentido desse acesso é bem mais amplo e busca possibilitar a manutenção do patrimônio histórico, sua memória e sua ressignificação. Alice Bemvenuti (2007) afirma que é preciso desmistificar a ideia estática do museu entendendo que:

Não basta que os museus estejam abertos a todos, é preciso possibilitar o acesso aos bens culturais e provocar, primeiramente, uma aproximação e uma relação mais íntima com este espaço, envolvendo atividades de mediação dos objetos. Frente ao entendimento de que o museu hoje adquire uma função social mediadora de conceitos e tendências, que conhecimentos exatamente são possibilitados e intermediados pela instituição no exercício da ação educativa? (Bemvenuti, 2007, p. 619).

Esse questionamento é válido, ao passo que a intermediação desses conhecimentos não é exercida sem um grau de dificuldade. Uma das problemáticas dos museus, na atualidade, é a mediação cultural. Os mediadores precisam estar aptos ao ofício e sensíveis ao público, entendendo que as informações sobre as obras de arte, as pesquisas e os dados devem fluir em um diálogo que começa junto ao visitante. Nunca essas informações devem ser despejadas aos ouvidos do público de forma aleatória; muito pelo contrário, o diálogo entre a obra e o indivíduo deve

fluir de maneira natural e construtiva. O mediador é aquele que se coloca como facilitador dessa interação, sendo ele sensível a necessidade do indivíduo com aquela obra em específico.

No pensamento sobre a educação em museus a palavra que, atualmente, mais se identifica com a nossa ação no acolhimento ao visitante é a “mediação”. Mediadores focam sua atuação no diálogo e na troca com o público, exercitando a escuta e flexibilizando sua ação, seu roteiro, adequando-o a seus interlocutores e buscando uma experiência compartilhada. Mediação no sentido de estar atento à obra e ao visitante e às relações entre eles. A intenção é colocar mediador e visitante lado a lado, construindo uma visita partilhada de experiências e pontos de vista. Nessa troca, cada educador tem sua autoria, sua curadoria pedagógica, seus recortes ideológicos, conceituais, metodológicos (Fontes; Gama, 2012, p. 18).

Ainda sobre essa construção do conhecimento através da interação público, mediador e obra, é preciso atentar para as dificuldades que o público possa apresentar ao construir esse diálogo. Talvez, por não existir uma prática educativa contínua a esse respeito, o público frequente os museus com a intenção de escutar apenas o que o mediador tem a lhe falar. Contudo, é preciso que o mediador, ciente de sua função supracitada, permita que esse público compreenda que ele também é o construtor do conhecimento, como afirma Bemvenuti (2007, p. 624):

É sabido, que a permanência do visitante no espaço museal possibilita uma experiência desencadeadora de múltiplas reações, ideias, associações, pensamentos e gestos. A dificuldade talvez não esteja em apenas concordar ou mesmo gostar, o mais importante é pensar reflexivamente chegando a novas associações, conversas, leituras e finalmente a interpretações que produzam saberes e relações culturais divergentes. Por outro lado, àquele visitante mais tímido, que foge assustado com a suntuosidade do museu, encontrará na mediação uma possibilidade de aproximação. Participar, deste modo, impulsionado pela mediação, transforma o ato de ler um documento ou apreciar uma obra de arte, em um exercício de reescrita da história, revendo imposições e atitudes, conceitos de identidade e nacionalidade do homem contemporâneo.

Entende-se, portanto, que o museu deixa de ser um lugar que apenas expõe um acervo que pertenceu a uma outra época e que, por isso, tem um valor monetário e histórico, mas, sobretudo, que deve exercer uma função de recontar esse sentido histórico que imbuí a peça. Essa ideia construtivista do conhecimento em museus é algo recente, que se desenvolve a partir das transformações decorrentes da Revolução Francesa e que gera uma série de mudanças no comportamento da sociedade civil (De Paula, 2012, p. 23-25).

Após a segunda metade do século XX, a importância dos museus passou a ser: informar a sociedade, com foco no sujeito ativo no processo educativo no museu e a aposta no seu engajamento intelectual através da interação. A partir da década de 1980, a concepção educativa das exposições em museus se embasou nas teorias construtivistas, que enfatizavam o papel ativo do indivíduo na construção de seu próprio aprendizado e afirmavam que a aprendizagem é um processo dinâmico que requer uma interação constante entre o indivíduo e o ambiente. [...] a preocupação é tornar a exposição acessível ao público, de modo que este público a compreenda, tornando-a significativa. Sendo assim, é necessário que o visitante seja ativo e engajado intelectualmente durante a visita ao museu e o mediador deva promover situações de diálogo entre o público. Para isso, os setores educativos dos museus devem não só planejar bem suas atividades, como concebê-las a partir de opções educacionais claras (Köptcke apud De Paula, 2012, p. 53).

A função educativa do espaço museológico acabou por gerar muitas ações que têm sido desenvolvidas em museus de todo o mundo, visando explorar essa faceta do espaço, bem como colaborar no processo educativo da arte com o público. Essas atividades têm levado em consideração diversos fatores, que incluem tanto a historicidade das peças quanto o fácil acesso que ela deve propor ao seu público. Isso é, a obra de arte, além de revelar dados históricos como datas, autores, períodos e movimentos artísticos, revela um recorte pessoal de quem interage com ela. O processo construtivo da educação em museus está precisamente

localizado nessa comunicação entre a obra e o público. Aprender sobre um acervo é não só decorar a data em que ele foi feito e por quem foi produzido, mas, acima de tudo, refletir sobre a significância da peça para o indivíduo, tornando sua vivência no museu uma experiência rica em conhecimento e em relacionamento com a arte. Sobre a proposta de uma ação educativa em museus, Cabral e Rangel (2012, p. 163), destacam:

São diversas as ações ou práticas educativas que podem ser desenvolvidas num museu, as quais se traduzem em formas de mediação que possibilitarão a interpretação dos bens culturais. Elas vão desde a tradicional visita “orientada”, “guiada”, “monitorada”, passando por encontros com professores, projetos específicos a serem desenvolvidos com escolas, ateliês, programas para famílias, oficinas de férias, salas ou espaços de descoberta, áreas ou módulos de animação, jogos, publicações, maletas pedagógicas, exposições itinerantes, filmes, vídeos, audioguia (audioguide), cd-roms, site etc. As mesmas podem acontecer isoladamente, como ações, ou estar inseridas em projetos e programas como, por exemplo, programas para portadores de deficiências, programas para inclusão sociocultural. As formas de mediação estarão baseadas no tipo de bem cultural com que se trabalha - a abordagem em um museu de arte é diferente num museu de história, que é diferente num museu de ciências e, estão, ainda, vinculadas às correntes pedagógicas adotadas.

Essa visão sobre a multiplicidade de práticas educativas dentro do museu abre um leque de possibilidades às ações de mediação e à própria curadoria. Baseada nessa visão plural, foi elaborada uma proposta de ação educativa para o Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos.

### **O Museu de Arte Sacra Maximiano Campos**

O museu em questão está localizado em uma área afastada do centro do município de Goiana, zona da mata norte de Pernambuco, em uma área periférica, e possui um acervo estritamente visual, em maior parte de cunho sacro, que está distribuído em um espaço de 400m<sup>2</sup>. Esse acervo, inicialmente exposto na Igreja de Nossa Senhora dos Homens

Pretos, localizada na cidade, foi cedido ao Sesc Ler Goiana pela Diocese de Nazaré da Mata, com as condições de que as peças fossem restauradas e de que o público tivesse acesso gratuito a elas. O acervo, de uma forma geral, conta a história da própria cidade. Além de peças de cunho sacro, existem, ainda, objetos da história do cotidiano de famílias goianenses, como mobiliários e louça, e peças que remetem à realidade escravocrata, pertencentes aos engenhos localizados na região.<sup>2</sup> A exposição, intitulada Memorabilia de Goyanna, pode ser entendida como coleção de memórias que abriga e reúne tantas lembranças coletivas, valorizando o tempo materializado em acervo.

A expografia do museu atende alguns requisitos no que se refere a acessibilidade para cadeirantes em seu espaço de circulação, porta de entrada e banheiros. Contudo, não existe, ainda, uma prática educativa específica para além da própria mediação.

### **Propostas de ação educativa e inclusão**

Diante das problemáticas levantadas anteriormente, bem como da necessidade de desenvolver atividades educativas que possam incluir diferentes públicos, desenvolve-se, aqui, uma proposta de arte-educação que pretende atender às necessidades do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos. Levando em consideração a diversidade do público a que o museu atende, sugere-se que sejam aplicadas ações educativas direcionadas aos tipos de público. A proposta do presente artigo refere-se a um público específico, de visitas escolares, das séries do Ensino Fundamental I e Fundamental II, bem como grupo de idosos, público muito assíduo no museu.

---

<sup>2</sup> Informações obtidas através de entrevista com a curadoria do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos.



Figura 1. Seção de Oratórios Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos. Fotografia do autor (2019). Três oratórios de madeira escura expostos sobre uma longa mesa de madeira da mesma cor, com parede branca ao fundo. O oratório do centro é maior, contém duas pequenas imagens de santos e um telhado piramidal metálico. O oratório da direita contém um santo e parte superior curva, com três pináculos decorados, duas laterais e uma central. O oratório da esquerda contém uma imagem de santa, duas portas abertas e a parte superior imita um frontão de igreja barroca, com volutas laterais e um óculo central. O fundo interno dos três oratórios é de cor azul celeste.

O museu costuma receber visitas agendadas de turmas e grupos escolares. Dessa forma a proposta para esse público é a construção de um objeto de arte com materiais recicláveis, que possa se relacionar aos objetos expostos no museu. O objetivo dessa proposta é promover não só a interação do público com o acervo, como desenvolver o sentimento de pertencimento à própria exposição. Assim, os trabalhos desenvolvidos na ação educativa podem ser expostos em uma área reservada do museu, tornando-os parte do acervo. É importante construir essa relação de intimidade entre o museu e o público, pois isso faz com que ele se sinta parte integrante e ativa, e que tenha desejo de retornar à exposição. Para execução dessa atividade, é de total importância a presença do mediador, que, ao longo da visita ao espaço museal, pode estimular a percepção do



processo construtivo das obras. Com isso, a prática da construção de um objeto similar seria a experimentação desse processo.

Um dos setores do museu comporta uma seção de oratórios e santuários (Figura 1) dos mais variados tamanhos e formas. Esse acervo foi doado por moradores do município e pertenceram a diversas famílias goianenses.<sup>3</sup> Partindo do pressuposto de que esses objetos construíram uma história afetiva com seus antigos proprietários e da própria função dessas peças, de guardar os santos para os momentos sagrados de oração, pretende-se construir esse diálogo de sentimento entre esse público específico e as peças. Por se tratar de um objeto não mais utilizado no cotidiano, geralmente, crianças e adolescentes não o reconhecem nem sabem de sua função. Isso serve como ponto de partida para os questionamentos do mediador, a fim de instigar a curiosidade do visitante.



Figura 2. Papel color set para atividade. Fotografia do autor (2020). Cinco folhas de papel colorido dispostas sobre fundo branco. Da esquerda para a direita: azul claro, amarelo, azul escuro, marrom e vermelho.

---

<sup>3</sup> Dados coletados em entrevista realizada com a curadoria da exposição.

Os oratórios e santuários tem uma função de preservar algo precioso, no caso, os santos de devoção. Mas, na confecção de mini oratórios, qual o objeto mais precioso que o público escolar gostaria de guardar? Esse questionamento pode ser levantado pelo mediador, a fim de estimular o senso, bem como a criatividade para a prática educativa proposta. E a partir dessa reflexão, de guardar o que é precioso, esse público poderá compreender a importância da preservação da memória, dos bens culturais e da própria história.

Com a execução da prática educativa, construindo mini oratórios com materiais recicláveis, as crianças, adolescentes e alunos de EJA podem desenvolver suas próprias significâncias com relação ao objeto de arte em questão. Essa vivência promoverá um novo olhar sobre a arte sacra, a sua preservação e o seu processo construtivo. Dessa forma, a vivência no ambiente museológico deixa de ser uma só, em que o visitante apenas recebe informações verbais, e passa a ser uma via de mão dupla, em que ele pode interagir com a obra e construir conhecimentos a partir de sua análise, da prática educativa e da mediação.

A construção das miniaturas de oratórios pode ser feita com uso de materiais simples, como caixas de fósforo vazias, cola branca, papel color set (Figura 2) em cores variadas e tesoura sem ponta. A parte externa da caixa de fósforo pode ser cortada e transformada em portas que simulam a abertura dos oratórios (Figura 3).

A caixa pode ser revestida com papel color set na cor marrom em sua parte externa, e com cores variadas em sua parte interna. Para finalizar, basta ao mediador estimular a criatividade dos visitantes para a composição das cores e formas que serão usadas nas miniaturas.



Figura 3. Exemplo de caixa para atividade. Fotografia do autor (2020). Caixa de fósforo aberta sobre fundo branco. AS duas partes da caixa estão separadas. Acima, a caixa inteira, abaixo, a capa. Além da impressão da marca de fósforos Fiat Lux, com logo em vermelho, amarelo, branco e preto, percebe-se o corte vertical que divide a capa.

Essa proposta também se estende a grupos de idosos, público muito frequente no museu. Esses visitantes, em específico, já têm uma relação de memória com o acervo, de uma forma singular. A maioria dos idosos que chegam ao museu relacionam alguns objetos aos de seus antepassados, e isso cria um laço afetivo entre a exposição e o visitante. Com esse público é ainda mais fácil desenvolver essa ação educativa, considerando que a memória que ele tem a respeito do objeto já existe e pode ser ressignificada com essa nova vivência.



Figura 4. Exemplo de miniatura de oratório. Fotografia do autor (2020). Caixa de fósforo revestida com papel colorido, montada de modo a imitar um pequeno oratório. A parte inteira está coberta de azul escuro, com uma cruz amarela, e a parte externa da caixa, a capa, está coberta de papel marrom, com a parte da frente cortada e aberta como porta dupla. Na parte superior da caixa, em marrom, foi colado um recorte que remete a um frontão barroco, pontudo e com curvas laterais.

Por fim, essas produções podem ser expostas como parte da exposição, fixadas em um mural, na parede. O fato de inserir os oratórios de papel dentro da expografia poderá contribuir para o relacionamento afetivo do público para com o museu, colaborando com o processo de pertencimento cultural.

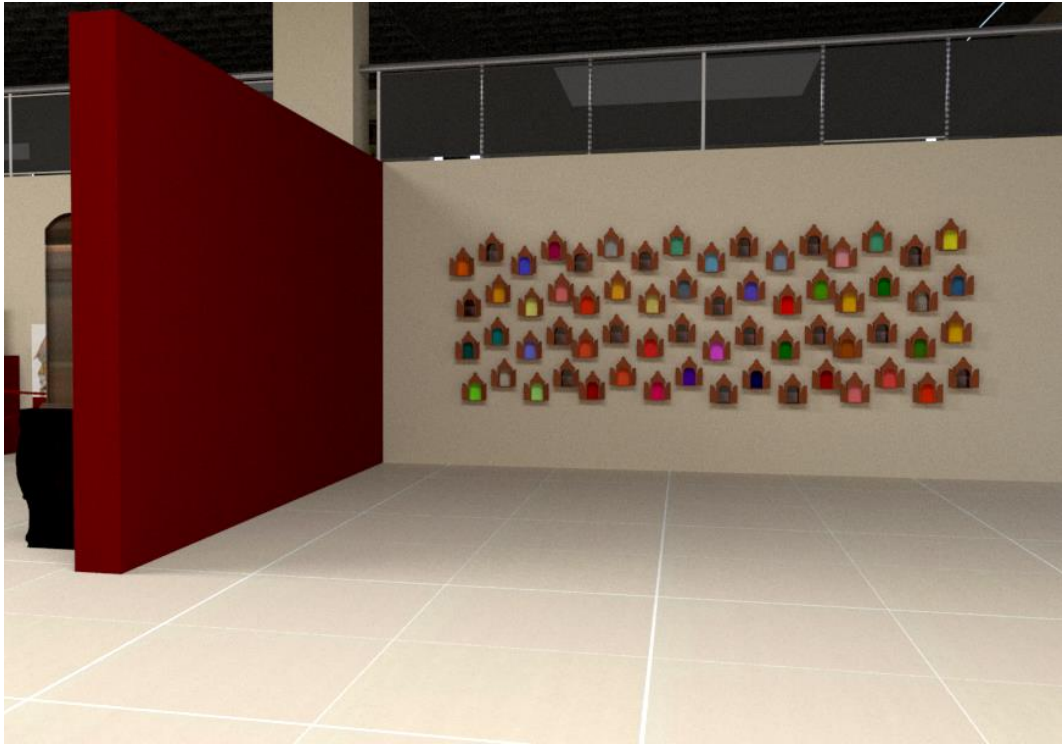


Figura 5. Simulação da exposição das miniaturas de oratórios produzidos pelos visitantes. Fotografia do autor (2020). Sala ampla, com parede branca e chão claro, com janelas na parte superior e uma parede vermelha à esquerda. Sobre a parede branca, ao fundo, estão afixados vários pequenos oratórios, como janelinhas, com portas marrões abertas e cores internas variadas.

## **Conclusão**

Com base nos estudos realizados a respeito da mediação museológica no Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, foi perceptível a necessidade de uma atividade educativa dentro do percurso da exposição. Dessa maneira se tornou possível desenvolver uma proposta de atividade com objetivo de integrar, de uma maneira mais efetiva, a participação de públicos visitantes específicos: escolas e grupos de idosos. Acredita-se que a utilização dessas atividades pode aumentar a resposta positiva desses visitantes em relação a experiência de visita e efetivar o papel de inclusão que os museus se propõem a ter.

## Referências

FONTES, Adriana; GAMA, Rita. *Mediação em Museus: Arte e Tecnologia*. Belo Horizonte: Livre Expressão. **Reflexões e Experiências: 1º Seminário Oi Futuro**, 2012. Disponível em:

<<https://sinapse.gife.org.br/download/reflexoes-e-experiencias-colecao-arte-e-tecnologia-1o-seminario-oi-futuro-mediacao-em-museus-arte-e-tecnologia> > Acesso em: 12 ago. 2020.

ANTOLINO, Alik Santos. **Arte-educação no museu**: um estudo dos setores educativos da pinacoteca e do Museu de Arte Moderna de São Paulo. 24 de ago. 2009. 87 p. Disponível em:

<<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284072>>. Acesso em 13 ago. 2020.

BEMVENUTI, Alice. *Museu para todos: o papel da ação educativa como mediadora cultural*. **16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais**. Campinas, SP. 2007. Disponível em:

<[http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador\\_Texto\\_Museus-para-todos-o-papel-da-a%C3%A7%C3%A3o-educativa-como-mediadora-cultural.pdf](http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Museus-para-todos-o-papel-da-a%C3%A7%C3%A3o-educativa-como-mediadora-cultural.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2020.

DE PAULA, Thais Regina Franciscan. *A mediação em museus: um estudo do projeto “Veja com as mãos”*. **Marília**, 2012. Disponível em:

<[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/De\\_Paula\\_T\\_R\\_F\\_mestrado\\_CI\\_2012.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/De_Paula_T_R_F_mestrado_CI_2012.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. *A curadoria de processos educativos de ações esparsas à curadoria*. **Caderno de Diretrizes Museológicas 2: Mediação em Museus: Curadorias, Exposição e Ação Educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. Disponível em:

<[http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno\\_diretrizes\\_museologicas\\_2.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2020.

Recebido em: 15 de outubro de 2020.

Publicado em: 29 de dezembro de 2023.